

## RESENHA

SALGADO, Luciana Salazar. Ritos genéticos editoriais: autoria e textualização. Bragança Paulista: Margem da Palavra, 2016. 376 p.

### Ritos genéticos editoriais: o que são e como se desenvolvem

**Márcia Regina Romano<sup>1</sup>**

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais – CEFET – Minas Gerais - Brasil

---

Esse outro, leitor profissional, é também escriba, posto que lê para falar sobre a escritura e também escreve coisas que devem servir para que o autor possa ser um proficiente leitor de seu próprio texto. Interessante ofício esse de caminhar pelos textos apontando certas trilhas (SALGADO, 2016, p. 344).

Esse “caminhar pelos textos”, que é realizado pelo “leitor profissional”, ou seja, o revisor de textos, é definido por Luciana Salazar Salgado, na obra *Ritos genéticos editoriais: autoria e textualização*, como o processo de coenunciação editorial. Trata-se do trabalho que é desenvolvido entre o autor do texto e o revisor durante o processo de tratamento editorial de textos que se destinam à publicação. É a fase em que o texto passa pela leitura de um “outro autorizado a fazer intervenções” (p. 162), para que este ofereça ao autor a sua leitura, que enseja possíveis futuras interpretações, com base no conhecimento do público leitor, além de apontar caminhos para possíveis releituras e reescritas, sempre considerando todos os âmbitos que envolvem a produção de sentidos. O termo *coenunciação* está ancorado no fato de que sempre que um sujeito se põe a escrever, pressupõe-se a presença de um outro. A obra em questão é fruto da pesquisa de doutorado realizada por Salgado no Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, sob orientação do professor doutor Sírio Possenti, concluída em 2007. *Ritos genéticos editoriais: autoria e textualização* teve sua primeira edição em 2011, que se esgotou, e sua segunda edição em 2016, pelo selo Margem da Palavra, da Editora Urutau. Na Introdução, a autora situa o problema da autoria em termos discursivos, considerando o autor um interlocutor, e assim define o problema e o caminho adotado em sua pesquisa: a problematização da autoria e do tratamento editorial de textos, considerando a escrita e a leitura como atividades profissionais. Em seguida, a obra é dividida em três partes. Na primeira, denominada “Discursividades constitutivas do mercado editorial”, que se constitui de dois capítulos, são apresentados os fundamentos epistemológicos e metodológicos e a delimitação do mercado editorial

---

<sup>1</sup> Graduada em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Especialista em Projetos Editoriais Impressos e Multimídia pelo Centro Universitário UNA e em Revisão de Textos pela PUC Minas. Revisora de textos do Serviço Social do Comércio (Sesc MG).

como uma *instituição discursiva*. Essa delimitação foi feita por meio da coleta (do período de janeiro de 2003 a agosto de 2007) de documentos relativos à Política Nacional do Livro – Lei nº 10.753, de 30 de outubro de 2003 –, dados de uma pesquisa feita pelo BNDES em 2004 e boletins emitidos por diversas fontes que tratam desses documentos e produzem notícias sobre esse mercado – Câmara Brasileira do Livro, Liga Brasileira de Editoras, Programa Fome de Livro, entre outros dados brasileiros –, além de amostras do trabalho de tratamento editorial de textos destinados a publicação, que servirão de base para as análises. Essa parte se encerra tratando do ofício de coenunciar que se desenvolve no âmbito das práticas editoriais atuais, em que o texto, ainda em processo de editoração, recebe o olhar de um leitor autorizado, que participa de sua constituição, “[...] pois o trabalho se dá no âmbito da própria enunciação, como uma coenunciação explicitada, chamada a registrar-se em anotações pontuais” (p. 131). Esse ofício, conforme acentua a autora, não se configura como coautoria, mas como uma espécie de pacto de cumplicidade com o autor na constituição do texto que virá a público. Na segunda parte, “Autoria e textualização”, composta de três capítulos, é examinado o funcionamento das publicações hoje e em outros tempos. No capítulo 3, os fundamentos teóricos são retomados, com discussões sobre as representações do livro, da leitura e da autoria. Ao analisar todas as particularidades do processo de edição da obra *Livros e bibliotecas no Brasil Colonial*, de Rubens Borba de Moraes, Salgado discute o que seria então o *conteúdo original* de uma publicação, noção que não é estanque e varia de acordo com a obra e seu processo de editoração. Ao longo das reflexões sobre os aspectos sociais que tangenciam a produção de uma obra, ou seja, sobre como se dá a construção de sentidos nesse processo, a autora vai apresentando os conceitos utilizados como fundamentos epistemológicos na pesquisa, que se situam no campo da análise do discurso de matriz francesa, notadamente de Dominique Maingueneau: conceitos como semântica global, textualização, prática discursiva, formação discursiva, além de considerações sobre as práticas de leitura. A ideia aqui é tratar da vitalidade dos textos: “Esses sentidos construídos ao longo de um processo editorial e ainda quando, depois dele, os livros percorrem mundo entre leitores, são a conjugação da circulação da energia social com suas formas de inscrição nos textos (CHARTIER, 2002b, p. 60 et passim)” (p. 161). O capítulo 4 apresenta a noção de *ritos genéticos editoriais*, que é derivada da expressão *ritos genéticos*, de Maingueneau: “‘conjunto de atos realizados por um sujeito em vias de produzir um enunciado’ ([1984 2005b, p. 139])” (p. 163). Salgado assim define:

[...] proponho que consideremos o trabalho que é feito sobre os textos autorais que se preparam para ir a público como *ritos genéticos editoriais*, especificando a noção de Maingueneau, sem jamais perder de vista que ela trata dos ritos de uma gênese discursiva, ou seja, sem perder de vista que o trabalho do coenunciador editorial, assim como o do autor e de todos os que lidam com seu texto, é feito de um dado lugar discursivo (p. 167).

Nesse ponto, o detalhamento da profissão/função exercida pelo profissional que intervêm no texto ajuda na compreensão dessa dinâmica e desse lugar discursivo: revisor, preparador, editor, copidesque. As práticas também são detalhadas: adequar, aperfeiçoar, corrigir o texto... É um trabalho que opera na malha textual, fazendo correções e sugestões, sempre levando em conta as condições de circulação, o suporte e todo o processo de produção, inclusive o projeto gráfico, que atua na legibilidade do texto. E, assim, ao fazer apontamentos, o coenunciador editorial

permite que o autor se coloque como um leitor de seu próprio texto, apto a fazer rearranjos, percebendo caminhos e descaminhos. Toda enunciação é essencialmente dialógica, pois um outro sempre está lá. Estamos falando da heterogeneidade constitutiva de toda discursividade. Nesse contexto, os textos são, do ponto de vista discursivo, textualização, pois são lugar de movimento, uma composição que está aberta a recomposições. Além disso, é preciso considerar as condições de produção dos enunciados, ou seja, “o material extralinguístico como constitutivo do linguístico, a instituição da subjetividade e da alteridade como fundantes das enunciações, as dinâmicas que alimentam as interlocuções, as coerções que orientam tais dinâmicas” (p. 188). O capítulo 5 trata da questão da autoria, detendo-se sobre o sujeito que escreve e sobre como essa produção, que ainda não é livro, chega ao ponto da publicação. O editor é, dessa forma, definido como o escriba fundamental, o mediador de muitas relações e aquele que efetivamente define quais obras serão publicadas e como serão publicadas. Os conceitos de copyright, copyleft e creative commons também contribuem para essa discussão. A terceira parte, “Ritos genéticos editoriais – análises”, realiza as análises propriamente ditas. O terreno é preparado, no capítulo 6, pelas descrições dos gêneros do discurso, considerados por Maingueneau como fundamentais para os estudos discursivos, já que impõem restrições relacionadas com o contexto histórico e a função social dessa prática. As análises, então, desenrolam-se calcadas nos conceitos de dêixis discursiva, cenários da enunciação, tipos e gêneros de discurso. Compuseram o *corpus* de análise textos didáticos, literários, de comunicação, jornalísticos, acadêmicos, entre outros. Foram analisados os textos originais, as correções propostas, os diálogos entre autor e coenunciador e os textos finais aprovados para publicação. O capítulo 7 trata da noção de interlíngua, considerada uma instância constitutiva dos dizeres, para além dos usos corretos ou incorretos de uma língua. Nesse sentido, seguindo Maingueneau, os códigos linguageiros estariam ligados à semântica global das enunciações. O capítulo 8 encerra as análises tratando das noções de ethos e de fiador discursivo, que é o momento em que o discurso adquire sua corporeidade, pois o ethos está relacionado ao tom do discurso, que engendra a presença de um sujeito, o fiador dessa enunciação. Nas Considerações Finais, a reflexão aponta para a interlocução, que é própria do humano:

Afinal, trata-se de um ofício em que muito contundentemente se vê o princípio dialógico de toda atividade languageira, tal como o propôs Mikhail Bakhtin: “O homem não possui um território interior soberano, ele está inteiramente e sempre numa fronteira; olhando dentro de si, ele olha nos olhos de um outro ou através dos olhos de outro (*apud* TODOROV, 1981, p. 149, tradução nossa). Nesses termos, trata-se de um ofício que nos confronta fortemente com a condição humana do viver (p. 345).

Em *Ritos genéticos editoriais: autoria e textualização*, Luciana Salazar Salgado oferece aos revisores de texto, ou coenunciadores editoriais, o entendimento de seu lugar na teia de produção dos sentidos do processo de produção editorial. Considerando o tratamento editorial de textos como um exercício de interlocução e o texto como uma malha aberta a composições e recomposições, de forma viva e complexa, a autora também fala ao autor e aos demais profissionais envolvidos nesse ofício. Suas análises, variadas e aprofundadas, tratam de língua, de discurso, de interlocução e de edição. Enfim, de um fazer humano que movimenta diversos saberes e experiências. A análise que é feita dos discursos, aliada a todo o imenso

arcabouço teórico, amplia o panorama do trabalho que é desenvolvido com os textos que estão sendo preparados para publicação. A obra em questão constitui-se como importante fonte de consulta para os trabalhadores que se dedicam ao ofício de edição de textos e, mais especificamente, de revisão de textos. Além de indicar caminhos para atuação prática, leva à reflexão desse fazer e apresenta um panorama do mercado editorial brasileiro da atualidade. Importante para a prática e para a pesquisa.

---